

caminhar III

Crónicas publicadas no jornal MaiaHoje
(2012-2021)

Joaquim Armindo

Prefácio: Prof. Doutor David Rodrigues



Tecto de Nuvens

Título

caminhar III- Crónicas publicadas no jornal MaiaHoje (2012-2021) -

Edição

Tecto de Nuvens, Edições e Artes Gráficas, Lda.

960131916; geral@tecto-de-nuven.pt

www.tecto-de-nuven.pt

Coordenação literária de

Teresa Cunha

teresacunha@tecto-de-nuven.pt

Autor

Joaquim Armindo Pinto de Almeida

Prefácio

Prof. Doutor David Rodrigues

Capa

João Ribas

Revisão

Tecto de Nuvens

Concepção Gráfica

Tecto de Nuvens

Paginação

Tecto de Nuvens

© *Joaquim Armindo Pinto de Almeida*

Direitos reservados segundo a legislação em vigor

ISBN: 978-989-53403-3-0

D.L. 494964/22

Textos baseados no novo Acordo Ortográfico

O conteúdo literário e plástico desta obra é da inteira e exclusiva responsabilidade do autor.

A gerência da Tecto de Nuvens

PREFÁCIO

Antônio Machado já nos tinha alertado que são as nossas pegadas que fazem os caminhos. Caminhos andados são caminhos abertos; os caminhos desertos são fechados pela vegetação. Esta metáfora dos caminhos feitos pelos caminhantes é uma metáfora seminal para a vida: vida que é caminho, que é feita por quem a percorre e não por quem a fica a avaliar e a contemplar as vidas dos outros.

Nesta ideia de caminhos (que podemos imaginar desde as veredas da floresta até às majestosas autoestradas), a linha reta é uma exceção: o caminhante tem de escolher em cada situação qual a melhor forma de avançar. A curva é a procura. O arquiteto Óscar Niemeyer escrevia: *“Não é o ângulo reto que me atrai. Nem a linha reta, dura, inflexível, criada pelo homem. O que me atrai é a curva livre e sensual. A curva que encontro nas montanhas do meu País, no curso sinuoso dos seus rios, nas ondas do mar, nas nuvens do céu, no corpo da mulher preferida. De curvas é feito todo o Universo – o Universo curvo de Einstein.”*

Caminhos sinuosos, feitos pelas nossas pegadas à procura de um destino. E não só à procura de “o” destino, mas também à procura de “um” destino. Na ilustração da vida procuramos caminhos e destinos e nenhum deles está determinado. Heráclito já nos tinha prevenido: “panta rei” – tudo se move, caminhos e destinos.

Escrever é documentar o caminho: as certezas e as dúvidas, o fulgor e os cansaços, os gritos e os silêncios. A escrita deixa um rasto e, à sua maneira, desempenha a função que Machado tinha dado às pegadas: criar e dar sentido ao caminho. Escrever são pegadas e balizas para as pessoas que escrevem e para quem as lê, são testemunhos, provas e documentos que podem ser tutores para quem os partilha. Daqui que escrever nunca pode ser considerado indiferente, ou neutro ou inútil.

Este “Caminhar” é já o terceiro caminho. Sempre se diz que o todo é maior que as partes e cada um dos textos deste livro é já ele uma soma de muitas reflexões e valores. E assim temos textos maiores que as suas partes num livro que é maior que os textos que o compõem. E maior porquê? Maior porque o seu conjunto nos transmite uma imagem muito mais nítida dos valores, das crenças e das militâncias

do autor que poderiam estar ocultas se só fossem considerados alguns dos textos.

Emergiram dois valores mais nítidos nestes textos. O primeiro é a de uma visão de uma espiritualidade comprometida com a vida das pessoas. É procurada a limpidez da mensagem de “Jesus de Nazaré” tantas vezes embaciada por uma igreja replicadora do que o mercado e a procura do poder têm feito à nossa organização social. O segundo valor é o da procura de sociedades justas com a Terra e consigo próprias. A Terra de onde vimos, a que pertencemos e de onde vem o necessário para vivermos. Em muitas passagens o autor concilia estes dois valores, acomodara-os ao conceito de sociedades justas e de sociedades sustentáveis. Diríamos justas em tudo.

É este o caminho que eu vi fazer o Joaquim Armindo: um caminho feito pelas suas próprias pegadas, um caminho conscientemente sinuoso, laborioso, persistente, um caminho que procura destinos, um caminho enfim à procura de todas as inegociáveis justiça.

Sempre se diz que os livros – sejam quais forem – são autobiográficos, na medida em que mesmo sem que os autores falem deles próprios eles sempre lá estão. Neste livro Joaquim Armindo, está por inteiro como aliás sempre esteve na sua vida. Nunca preferindo os caminhos caminhados, lisos, retos e assinalados. Este livro é um convite para caminharmos com ele. Não para fazermos o seu caminho porque é intransmissível, mas para nos ajudar a encontrar e a entender o nosso; a caminhar de olhos abertos.

David Rodrigues

A TROIKA

Cada vez que penso na *troika*, o meu alheamento é total, uma vez que são três e não quatro, isto é, os Portugueses não pertencem à *troika*, estão fora dela, obedecem-lhe e não possuem a palavra. Tudo muito confuso, porque não existe diálogo entre as partes, mas uma vontade de alguém, não se sabe muito bem quem, vem doar-recebendo o nosso trabalho. Parece, ou é mesmo assim, que a nossa história cultural não existe.

No seu livro, “Religião e diálogo inter-religioso” (2010), o professor da Universidade de Coimbra, Anselmo Borges, Padre de Sociedade Missionária Portuguesa, refere que “...no processo de nos fazermos, o outro aparece inevitavelmente. O outro não é adjacente, mas constitutivo. Só sou eu, porque há tu, em reciprocidade. O outro pertence-me, pois é pela sua mediação que venho a mim e me identifico: a minha identidade passa pelo outro, num encontro mutuamente constituinte” (pág. 9,10). E mais adiante clarifica, “O outro é vivido sempre como fascinante e ameaça. Porque o outro é outro como eu, outro eu, e, simultaneamente, um eu outro, outro que não eu. Daí a ambiguidade do outro. O outro enquanto outro escapa-se-me, não é dominável. (...) Há, pois, uma visão dupla do outro, que tanto pode ser idealizado – no amor, é divinizado -, como diabolizado”, e citando Hans Küng, autor da “Declaração de uma Ética Mundial”, “Não haverá sobrevivência do nosso globo sem um *ethos* global, um *ethos* mundial” (pág. 13).

Ora este outro aqui mencionado é para a *troika* os portugueses, que não pertencem ao seu eu, é o outro da ameaça, do diabolizado, é um outro que não me pertence, mas de que eu necessito para viver, mas não em reciprocidade, nem identidade, por isso ele não faz parte de mim, quero-o “*ajudar*”, na medida em que é imprescindível para o meu bem-estar, não para o bem comum, por isso é uma *troika*, e nós não fazemos parte dela, dado faltar o tal *ethos* global e mundial. E aqui reside que ela [*troika*], não tem rosto e por isso não consegue ver as pessoas, mas números, que vão alimentar alguém, no supérfluo, pensando, porventura, que a felicidade se constrói esmagando o outro.

Assim a proceder, não existe economia de comunhão, nem sobrevivência global, como referia Hans Küng.

4/1/2013

PADRE PEDÓFILO

O caso de um “possível pedófilo” ser padre, do Fundão, que tanta atenção tem nestes últimos dias prestado a atenção da comunicação social, não vem, nem mais, nem menos, confirmar que a igreja é Santa, pelo Espírito do Senhor, e pecadora porque nós fazemos parte dela. Daí que ela não está fora do mundo, não é dele, mas está bem metida na história da humanidade. Ser pedófilo, o abuso sexual das crianças, é para nós horrendo, merecedor da força se pudéssemos fazer justiça, por nossas mãos. O caso de ser um padre é horrível para todos os cristãos, porque está nas nossas mãos impedir esta forma de “viver a sexualidade”. Nenhum ser humano é assexuado e todos possuem impulsos sexuais, padres ou não, o facto de o ser faz a igreja pedir perdão e atuar conforme é seu dever. Mau grado algumas personalidades, por exemplo filósofos famosos o serem e a coberto da lei, o quadro do nosso tempo evoluiu e não consente este tipo de crime. Não pelo facto de ser padre, mas sim a atitude despudorada e criminosa de abuso de uma criança indefesa, é abominável.

Causa-nos náuseas muito agudas o ato praticado, e até custa acreditar nesta realidade. Uma verdade indelével, que se resolve na situação pela execução de penas determinadas pelas autoridades, o que não resolve o problema. O que levará estes homens e, certamente, mulheres, a exercitarem a sexualidade em meninos e meninas, que brincam solenemente “às casinhas”, “carrinhos e bonecas”, e que sob o jugo do medo ficam caladitos, numa ingenuidade pura? Tenho pensado muito nesses homens e mulheres, o ser padre é uma circunstância, que para se satisfazerem necessitam de se servir de crianças, o que se passará no seu interior, e quem será o causador desse interior? É muito fácil dizermos ser a falta de valores de uma sociedade corrompida que a tudo recorre, onde não existe respeito pelas mais elementares regras de convivência humana.

Mas se não podemos, nem devemos, compreender a pedofilia, penso, contudo, que a investigação social e sexual, quando não médica, deveria apurar onde está a causa que determina o abuso que leva a circunstâncias destas. Não compreendo as pessoas pedófilas, embora sejam seres humanos, e, por isso, deverá ser levado até às últimas consequências esta reflexão do porquê de procederem assim. O que se passará dentro de cada ser humano para um desequilíbrio criminoso desta natureza? Não é esquecer as vítimas que ficam para toda a vida marcadas por energúmenos, mas tentar descobrir o que está a falhar na nossa vida comum.

4/1/2014

ANO DE 2013

O ano de 2013 acabou, fomos confrontados com inúmeras medidas e acontecimentos de uma loucura esfuziante; neste fim de ano lembramo-nos do que passamos, dos nossos medos e das nossas alegrias. Porque existem medos: nos trabalhos, sociedade, dos amigos e inimigos, dos vizinhos e até das nossas sombras, ou não estivéssemos no meio de um lodaçal. No meio dele não esquecemos, agora, do envio das “boas festas”, “santo Natal” e “bom ano de 2014”, a forma de comunicação para todos a todos afirmarmos a nossa amizade a uns tantos que fizeram o favor de ser nossos amigos. A amizade como St. Agostinho de Hipona, entendia, que era “Amar o Amor”, ou St. Anselmo de Cantuária na sua oração dizia: “Rogo-te pois, benévolo e bom Deus, por aqueles que me amam por causa de Ti; mais fervorosamente rogo por aqueles cuja amizade para comigo e a minha para com eles Tu sabes ser sincera”. A amizade como forma de amor de amizade, que transcende qualquer outra que deterministicamente se quer encontrar em minúsculos subterfúgios, e não como unidade de um todo, na sua multiplicidade.

“Amar o Amor”, esta amizade, ou melhor o “amor da amizade”, aquela que não é pólvora destruidora das relações entre os seres vivos, foi em nosso entendimento o ano de 2013 pródigo. Dois acontecimentos, talvez o primeiro com mais sentido que o segundo, porque sem ele não existiria este: a renúncia de Bento XVI e o aparecimento de Francisco. O Papa nascido na cúria romana passava o seu testemunho de homem culto e teológico, àquele que poderá vir a ser o “presente” mais vivo deste século XXI. A renúncia, não abandono, daquele, foi uma atitude de coragem e de colocar no centro da ação do Evangelho, Jesus. Renunciou como homem sujeito às suas inferioridades e não temendo a ferocidade duma estrutura que fica bem sentada no Vaticano, não caminhando “nas periferias” e “para as periferias”. Francisco apareceu como “dom”, cremos que não vem destruir a lei, mas oferecer a misericórdia e “Amar o Amor”, como este Amor é Deus, e só lhe daremos Amor se os outros forem amados, amar o amor, amor de amizade, dar Glória a Deus, é amar o outro. Amizade é superior ao “amor corpóreo”, embora o possa conter, porque é gratuidade, oferta de cada um ao serviço de todos.

Talvez seja isso que esperamos do Papa Francisco, teimosamente querendo ser o bispo de Roma só, o que constitui uma abertura ecuménica sem qualquer precedente. Francisco mexe, dá o exemplo, o resto tem de ser com cada um de nós, sem isso a Igreja continuará a ser feudal e estará fora do mundo.

9/1/2015

UNIDADE E MULTIPLICIDADE

Decorrerá de 18 a 25 de janeiro a Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos, sob o tema “Jesus lhe disse: Dá-me de beber!” (João 4,7), em todo o mundo e também em Portugal. Os textos para cada dia foram publicados pelo Pontifício Conselho para a Promoção da Unidade dos Cristãos e a Comissão Fé e Constituição do Conselho Mundial de Igrejas. No nosso país a semana conta com a organização conjunta das Igrejas Católica Romana, Lusitana - Comunhão Anglicana, Metodista, Luterana Alemã do Porto, Baptista, Ortodoxa do Patriarcado Ecuménico de Constantinopla, Ortodoxa do Patriarcado de Moscovo e Presbiterana, como é normal em todos os anos anteriores. Destina-se a rezar para que os cristãos sejam um, como Jesus o é com o Pai, convivendo nas diversas igrejas e trocando os seus púlpitos, uns pelos outros. Uma forma de marcar a divisão, que existe, e ao mesmo tempo procurar conhecer o que existe de mais valioso em cada uma, com vista à unidade visível dos cristãos, que não só é possível como urgente.

Em tempos do Papa Francisco que prefere ser chamado de bispo de Roma, retirando até o título de Sua Santidade, esta semana constitui um marco importante, dada que aquela posição de Francisco vem detonar muitas causas da não-unidade. O texto escolhido é um apelo à conversão de todos a Cristo, porque quando cada religião cristã se converter a Cristo, então todos seremos um. A história bíblica da “Samaritana” é clara nessa conversão e no caminho para a unidade, na multiplicidade de opiniões. Jesus nesta história cometeu dois erros que lhe custaram caro: foi a Samaria região em guerra com a Judeia, portanto ao campo do inimigo e falou ao meio-dia, em pleno Sol, a uma mulher, quando isso era proibitivo por todas as leis em vigor; a posição de Jesus foi um afrontamento total para com os poderes religiosos, políticos e culturais do seu povo, no entanto a substância que proclamou com esta água viva era, e é, o de Deus virado para a história da humanidade. Também Francisco faz muitas coisas assim, o que grande número não compreende.

A Água de Jesus é mesmo essa, ser sinal de contradição e buscar a unidade no seio da multiplicidade de valores, talvez procurar mais a Alegria que a Felicidade, porque não poderá nunca existir esta sem aquela. Os cristãos não podem ter medo das vagas do mar, como Pedro quando caminhava sobre elas, tinha, mas prosseguir não se aniquilando, fazendo da multiplicidade dos valores de cada confissão um rito sagrado, só assim se caminhará para a unidade.

CÂNTICO DOS CÂNTICOS

1.- O boletim da Diocese do Porto “Igreja Portucalense”, constitui um bom repositório das homílias do Bispo do Porto e outras notícias e estudos. O último publicado, de maio/agosto de 2015, brinda-nos por um excelente estudo com o tema “A dimensão social do amor em Ct. 3, 6-11”, que merece ser lido e refletido, pela profundidade do estudo. O seu autor, Padre Domingos Areais, consegue uma profundidade e um esclarecimento sobre a “liteira de Salomão” e o próprio livro que tem sido muitas vezes esquecido, dado o seu caráter erótico. Por isso mesmo o Doutor Areais, pároco de uma das freguesias da Maia, interioriza, sem receios, esta problemática. Sustentando-se em G. Gabini, defende, e bem, “a dimensão social do amor”, uma continuidade através do livro Cântico dos Cânticos. O autor do livro canta poemas, pois todo é poético, e descreve o amor de um Amado a uma Amada, Salomão é o Amado, e versos deste tipo encontram-se em todo o livro, veja-se o início: “Que me beije com beijos de sua boca”/Teus amores são os melhores que o vinho,”

2.- A sua exegese [do Padre Domingos Areais] volta-se para quatro pontos: “Aparição no deserto”, “A Escolta da Liteira”, “A Liteira de Salomão” e “O Dia do Júbilo”, sendo que na Liteira de Salomão é que se pressente o amor do Rei à sua Amada. Dela refere: “A Liteira única e original que transporta a amada e que vem da vasta solidão do deserto, transforma, só por si, todo o espaço ilimitado e indefeso, num recanto doce de intimidade e delícia: resguardado, seguro, protegido, íntimo, divino.” E pergunta a dado momento: “Que coisa mais preciosa e pura, que a prata, o ouro e a púrpura, pode existir à face da Terra senão o Amor?” e torna a perguntar, como resposta, “No fundo, não será o Amor, que dá valor e transfigura a liteira (palanquim real), que transporta a amada?”.

3.- A proposta, bem colocada, por Domingos Areais desdramatiza a necessidade do erotismo – ele nunca fala nesta palavra, mas em o amor, como dimensão social -, para a vivência humana, referindo mesmo a “beleza e o fascínio femininos” admirados e apreciados como peculiaridade do amor, e neste pormenor define o seu entendimento porque já não fala num “Amor” globalizado, mas no “amor”, do Amado à Amada. O pormenor do uso de uma letra maiúscula ou minúscula atende, perfeitamente, ao caráter do amor entre pessoas, o Rei e a Amada, e não um amor definido como harmonia entre todos nós. É louvável esta análise do Doutor Areais, ao concluir o seu belíssimo estudo, afirmando que o Cântico “diz respeito sempre e exclusivamente aos dois amantes”, um amor na “sua dimensão festiva, expansiva e social”.

NÃO É SUSTENTABILIDADE

1.- A Sustentabilidade é o que faz mover uma organização, nas suas quatro vertentes fundamentais: economia, ambiente, social e cultura. Os Relatórios de Sustentabilidade dão a conhecer a razão dessa Sustentabilidade. De acordo com diretivas de uma organização – o GRI -, agora transformadas em normas, as organizações de forma voluntária respondem de tal forma que todas as partes interessadas reajam e saibam qual a interação e capacidade da organização. Por isso o GRI a partir de 2018 propõe uma série de normas para melhor se aquilatar da organização. Os relatórios de atividades e contas podem ser transformados em Relatórios de Sustentabilidade desde que sigam aquelas normas por um lado, por outro, se cumprirem nos conteúdos as regras contabilísticas – também elas normalizadas, segundo planos oficiais de contas inerentes. Os Relatórios de Sustentabilidade serão assim um futuro promissor, visadas as suas contas e podendo ser verificados nas “atividades” por auditores de acordo com o GRI.

2.- Temos, nesta altura, muitos relatórios de sustentabilidade publicados, ao ler um deles fiquei espantado pelo arrojo anti- sustentabilidade que o forma. Quer a organização ser responsável socialmente, e depois tem o despalante de contrariar a própria sustentabilidade. O atual quadro do GRI coloca uma série de questões a que se deve responder. Uma delas – a G4 -11 E -, pergunta o “Total de colaboradores cobertos por acordos de negociação coletiva”, essa organização – uma EPR, Empresas Pública Requalificada - responde de forma catastrófica para a sua Sustentabilidade e verifica-se o seu incorreto posicionamento e estratégia: “Não aplicável. – os colaboradores do XXXXXX não são sindicalizados”. O que constitui uma afronta à Sustentabilidade. Que o organismo não possua contratação coletiva até é uma realidade, mas que não é aplicável, por que os seus trabalhadores não são sindicalizados, como se fosse uma “glória”, quando poderá ser medo!

3.- Este organismo público não é sustentável, não merece possuir um Relatório de Sustentabilidade e nem é responsável ética e socialmente. A publicação de um pretenso relatório de sustentabilidade tem a vantagem de negar a sustentabilidade e de isso ser visível para todos que o leem. Quem suporta por auditorias este organismo está enganado quanto à responsabilidade social ou á sustentabilidade, quem produz um relatório de sustentabilidade de um organismo público requalificado, com delegações em todo o país, com respostas desta natureza, está doente e demente, pelo menos fiquem calados, não escrevam o que é insustentável. Quem não sabe isso remeta a sua insensibilidade e tenha o pudor de, pelo menos, esconder o seu medo, por outra via, que não seja um Relatório de Sustentabilidade.

FIGURA DO ANO

Costuma-se no fim de cada ano eleger a figura do ano, mesmo que esta não queira. Não consegui ainda vislumbrar qual seria no ano de 2017 a não ser o bispo de Roma. O papa Francisco numa das suas mensagens de Natal referiu-se à reforma que quer ser “profunda” da cúria romana dizendo como Mons. Frédéric-François-Xavier de Mérode: “Fazer as reformas em Roma é como limpar a Esfinge do Egito com uma escova de dentes”. Como disse a Cúria é uma instituição antiga, complexa, venerável, “fechada em si mesmo”, o que trai o objetivo da sua existência e por isso destinada à autodestruição. Ela deve ser antes, para servir e não ser servido. O Deus que veio ao mundo construiu a Igreja para estar no mundo e ser instrumento de serviço e salvação. Assim esta “finalidade ministerial, petrina e curial”, deve ser um “primado diaconal” e estendida a toda a Cúria Romana. Francisco pretende uma Cúria Diaconal e um primado diaconal, revelando nestas palavras todo um conjunto de questões que dividem as várias igrejas, e com as suas palavras abre portas à unidade.

Continuou o seu discurso ao se deter na unidade dos cristãos, que é uma exigência da nossa fé e que “brota do íntimo do nosso ser crentes em Jesus Cristo, que é um caminho sem “inversão de marcha”, que tudo se faz caminhando juntos porque “Todas as divergências teológicas e eclesiológicas que ainda dividem os cristãos serão superadas unicamente por este caminho, sem que nós saibamos como nem quando, mas isto acontecerá segundo aquilo que o Espírito Santo quiser sugerir para o bem da Igreja”, e neste sentido a Cúria deve “desatar os nós das incompreensões e hostilidades”, para que se vejam a riqueza da diversidade e a profundidade do Mistério de Cristo e da Igreja. Há por isso – continuava – de superar os “conluios e pequenos clubes”, extirpar o cancro existente nos organismos eclesiásticos.

Salienta aqueles a que chama os “traidores da confiança” que são pessoas da “velha guarda”, que se deixam corromper pela ambição, declarando-se mártires do sistema e que nunca fizeram a sua *mea culpa*.

Pelas suas atitudes e pelo seu ser, tem sido, é, a figura do ano.

BOA POLÍTICA

1.- A mensagem do papa Francisco para o Dia Mundial da Paz, é um desafio a quem exerce a função política, para que ela seja sempre ao serviço da Paz, e como não existe Paz sem Justiça e Misericórdia, não existe “Boa Política”, se na sua ação não estiverem impregnados estes princípios. A “Boa Política” – prossegue Francisco -, é um desafio, porque normalmente a “busca do poder a todo o custo leva a abusos e injustiças” e sendo a política para a construção da cidadania, se aqueles que a exercem, na efetividade dos cargos públicos, a viverem como “serviço à coletividade humana”, e não for assim “pode tornar-se instrumento de opressão, marginalização e até destruição”. Tomar a sério a política – local, regional, nacional e mundial – “é afirmar o dever do homem, de todos os homens, de reconhecerem a realidade concreta e o valor da liberdade de escolha que lhes é proporcionada,” para realizarem o bem comum.

2.- A propósito o papa refere as “bem-aventuranças do político”, que o Cardeal do Vietname Francisco Xavier Nguyen Van Thuan, falecido em 2002, escreveu: “Bem-aventurado o político que tem uma alta noção e uma profunda consciência do seu papel. Bem-aventurado o político de cuja pessoa irradia a credibilidade. Bem-aventurado o político que trabalha para o bem comum e não para os próprios interesses. Bem-aventurado o político que permanece fielmente coerente. Bem-aventurado o político que realiza a unidade. Bem-aventurado o político que está comprometido na realização dum mudança radical. Bem-aventurado o político que sabe escutar. Bem-aventurado o político que não tem medo”.

3.- No entanto, existem vícios na política devido à “inépcia pessoal” e “distorções no meio ambiente”, que tiram credibilidade à autoridade e às suas decisões, sendo a corrupção, nas suas múltiplas formas, uma das mais poderosas. A recusa de cuidar da Terra, a perpetuação no poder, xenofobia e o racismo, são enfoque para que não se realize a tripla Paz: consigo, com o outro e com a criação. Para esta Paz é necessário a prática da Justiça, que é acompanhada pela Misericórdia.

3/1/2020

POETA DAVID BRANCO

1.- “É dia de procissão.../O sino dobra, profundo, /Evocando a expiação/Dos pecados deste mundo”, “É a Banda de Moreira,/Como não há outra igual,/É, para nós, a primeira/Das Bandas de Portugal!”, “Mordomos muito apumados,/Tudo tratam com canseira,/De roxa opa adornados/E com linda braçadeira”, “O estandarte maior,/ Agitado pelo vento,/Empunhado com vigor,/Com esforço, sem lamento!”, “O Padre Alcindo Barbosa/Transporta, com muito Amor,/Parcela miraculosa/Do madeiro do Senhor!”, “Caminhando à sua beira, sob o doirado dossel.../Diácono Jorge Moreira/ E o Velho Padre Manuel.”, “Os Escuteiros, garbosos,/Transportam o seu pendão.../Sempre Alerta, generosos,/Integram a Procissão.”, “Já o ilustre Pregador,/Tomado de emoção.../Bendizando o Senhor,/Inicia o seu sermão!”, “A procissão, que caminha,/Registo em minha memória.../Chega à velha capelinha:/ Nossa Senhora da Glória!”, “Prossegue a caminhada,/Dos penitentes convictos.../Até à humilde morada,/Do Senhor dos Aflitos!”, “Terminada a cerimónia,/Antes de, em Paz nos mandar.../Contente, sem acrimónia,/ O Abade vai falar.”, “Assim falou o Abade.../O Padre Alcindo Barbosa!/Creio que disse a verdade,/Àquela gente briosa!”, “Estes versos foram feitos,/Como expressão de Amor.../Mesmo contendo defeitos,/São p’ra Deus Nosso Senhor!”.

2.- São cem quadras que o senhor David Hora Branco, de Moreira da Maia, e que foi ilustre orador nas Assembleias da Freguesia de Moreira da Maia, da qual foi presidente, e Municipal da Maia, fez o favor de me deixar em casa agora pelo Natal. Titulada ao “Divino Senhor dos Passos”, redigida depois da Solene Procissão em Honra do Senhor dos Passos, realizada em 1997. E fez bem, porque assim deu a conhecer uma sensibilidade ímpar e que na sua Terra de Moreira – que tanto ama -, existem poetas de extrema sensibilidade. Estas quadras são uma maravilhosa pintura daquela procissão e que bem mereciam ser publicadas em livro, assim o queira a Junta de Moreira e a Paróquia de Moreira da Maia.

3.- Quem, como eu, as lê fica deslumbrado pelas palavras usadas e pela capacidade de transmitir uma Tradição, como a Procissão do Senhor dos Passos. Fiel no seu arreigado amor à terra de Moreira, transpõe, como de uma fotografia se tratasse, a Solene Procissão. Terá mais certamente e que têm de vir a público, porque faz parte de cada mulher e de cada homem e esta significativa cultura não pode continuar oculta.

Obrigado meu amigo David Hora Branco!

JESUS ERA LEIGO

1.- Jesus era um judeu leigo, a sua vida sempre foi leiga, nunca teve uma missão na sinagoga, no seu ministério público – crê-se que foi mais de 3 anos -, foi um judeu leigo, nunca exerceu o seu ministério reconhecido pela igreja de então, a sua morte, também, foi como um judeu leigo. Não se conhece nenhuma tradição histórica que lhe atribuisse descendência de origem levítica (a tribo de Levi era a que servia no templo e tinha responsabilidades sacerdotais , sendo os levitas os únicos sacerdotes, que, até, só eles podiam tocar na Arca da Aliança), ou sequer sacerdotal, digo, ou sequer sacerdotal, porque David, que era da tribo de Judá, também foi sacerdote não contestado, pelos levitas. Isso passava-se quer em Jerusalém, quer em Qumrán.

2.- Aliás Jesus estava em permanente conflito com os escribas fariseus e dirigentes das sinagogas e discutia acesamente com eles, de uma forma aberta e pública. Todos esses dirigentes formavam uma “Frente Unida”, contra o Jesus laico. Jesus com os saduceus – que não acreditavam na ressurreição -, estava em completa disputa. Jesus foi muito caustico em relação aos “sacerdotes guardiões da revelação e do poder divino”, centrados no templo de Jerusalém. Isso, não significa existirem fariseus como Nicodemos e José de Arimateia, à procura da Verdade, e que não percebessem em Jesus, Aquele que “haveria de vir”.

3.- É este Jesus laico, que é sacerdote e sumo sacerdote, reconhecido como tal, numa visão teológica, na carta aos Hebreus, cujo autor é desconhecido, e que admite que sendo o sacerdócio da tribo de Levi, Jesus tem uma função sacerdotal superior à levítica (Hebreus, capítulo 7), que era segundo a ordem de Melquisedec. Jesus era um leigo cumpridor, que dava culto a Deus, mas de uma ordem superior, e que se deu por Amor. As suas denúncias da existência de um clero corrupto, como, também, os leigos criticavam, eram, tal como hoje, poderemos verificar, em tantas situações, de denunciar, com o mesmo vigor.

Índice

Dedicatória	5
PREFÁCIO	7

ANO DE 2012

A TROIKA	11
VATICANO III?	12
RENOVAÇÃO CULTURAL	13
AS MULHERES	14
É ASSM	15
AS GORDURAS	16
A DISCRIMINAÇÃO	17

ANO DE 2013

PADRE PEDÓFILO	21
A FAMÍLIA	22
SORRIR	23
CORDA QUE ESTICA	24
TAMBÉM MORREM	25
FRANCISCO I	26
A ÁGUA	27
BISPO DE ROMA	28
ARREGAÇAR MANGAS	29
CULTURA	30
AS AUTÁRQUICAS	31
POLÍTICOS, NA RUA!	32
CELEBRAR!	33
O CONHECIMENTO	34
ÁRVORE, 50 ANOS AO SERVIÇO DO BELO	35
VOTAR E PARTICIPAR	36
AS INVERDADES	37
PROGRAMAS PARTIDÁRIOS	38
AS LUZES DE LEONOR	39
RELIGIOSIDADE POPULAR	40
PENSAMENTOS	41
NESTE NATAL	42

ANO DE 2014

ANO DE 2013	45
TEMPO E ESPAÇO	46
MINHA LEMBRANÇA	47

CONCÍLIO E A CÚRIA	48
“EFEITO FRANCISCO”	49
TERRA, S. A.	50
SORRISOS DE SAMARITANA	51
A SUSTENTABILIDADE	52
AGRESSÃO!	53
PORTUGAL, A FLOR E A FOICE	54
CRISTÃOS PERSEGUIDOS	55
“CASAMENTO DOS PADRES”	56
PEDIR PERDÃO	57
A MULTIPLICAÇÃO	58
CURAR UM CEGO	59
ANDAR DE COSTAS!	60
E AS CRIANÇAS, SENHORES?	61
AMOR À HUMANIDADE	62
INDIFERENTES!	63
LEGIONELLA MATA!	64
UM TEMA: A FAMÍLIA	65
CASAMENTO CONSUMADO	66

ANO DE 2015

UNIDADE E MULTIPLICIDADE	69
OS VALORES	70
MULHERES BISPOS	71
A CORRUPÇÃO	72
O TRABALHO E O ÓCIO	73
JUDAS, O TRAIADOR	74
ESTAMOS EM PÁSCOA	75
PADRES CHEIRAM BEM	76
A IGREJA, ÀS VEZES...	77
(RE) CASADOS	78
PAULO E BARNABÉ	79
DIVERSIDADE CULTURAL	80
CONCEITO DE SUSTENTABILIDADE	81
A ÁGUA	82
SER POLÍTICO	83
MAIATA ENCANTA PRAGA!	84

SOBRE O SÍNODO: FAMÍLIA	85
DIA DA SOLIDARIEDADE	86
NULOS OS CASAMENTOS	87
EU VOTO!	88
CINCO ANOS: MISSÕES	89
O LIVRO DAS SEMANAS	90
OS REFUGIADOS	91
O VATICANO	92
O CLIMA	93
DESILUSÃO?	94

ANO DE 2016

CÂNTICO DOS CÂNTICOS	97
AS PRESIDENCIAIS	98
PELA PAZ	99
LÍNGUA MATERNA	100
UM CARTAZ	101
O DIA DO PAI	102
BRUXELAS OU PARIS OU...	103
PRESOS POLÍTICOS	104
MÃE TERRA	105
AMOR E NORMAS	106
EDUCAR NO PRESENTE	107
A CARTA DA TERRA	108
UM PROGRAMA	109
CONSERVAÇÃO DA NATUREZA	110
AS FORMIGUITAS	111
ESCRAVATURA, ABOLIDA?	112
A ALFABETIZAÇÃO	113
OS IMPROPÉRIOS	114
DIA DA ALIMENTAÇÃO	115
LIBERDADE RELIGIOSA	116
SÃO MARTINHO	117
POLÍTICA DO “VAI INDO”	118
NATAL SEM POBRES	119

ANO DE 2017

NÃO É SUSTENTABILIDADE	123
FRANCISCO E A ORDEM DE MALTA	124
FERRO E FOGO	125

JUSTIÇA SOCIAL	126
VÍTIMAS DO TERROR	127
SACERDOTES CASADOS	128
CONCELHO DE TRABALHO	129
LEGIONELA NA MAIA	130
FALANDO DE FÁTIMA	131
PEREGRINO	132
SER CRISTÃO	133
TRANSPORTES SUSTENTÁVEIS	134
REFUGIADOS	135
NA CAMPANHA	136
OS ESCOLHIDOS	137
O PODER	138
NO CAMINHO	139
O (S) CEGO (S)	140
UM TRATANTE	141
A FIGUEIRA	142
MORRER DE FOME	143
AS ÁRVORES CANTAM	144
FALANDO DE PARÁBOLAS	145
O NASCIMENTO	146

ANO DE 2018

FIGURA DO ANO	149
NA UNIDADE	150
BARTOLOMÉ	151
ENTRE NÓS	152
A MORTE	153
OS DESCARTÁVEIS	154
PÁSCOA	155
SAMUEL SANTOS	156
OS PROBLEMAS	157
OS LIBERAIS	158
VERDES E AZUIS	159
FUTEBOL AMIGÁVEL	160
ECOSOCIALISTA	161
O TAMBOR NA FESTA	162
ECONOMIA SOLIDÁRIA	163
PARADIGMA COMUNITÁRIO	164
EM CAMINHADA	165

GRANDE NOVIDADE	166
COMPREENDE E ATUA	167
CAMINHANDO	168
ECOLOGIA	169
A SUSTENTABILIDADE	170
NOVA CIDADE	171

ANO DE 2019

BOA POLÍTICA	175
DAS PROPINAS	176
AS ESTRATÉGIAS	177
DO JAPÃO PARA FOLGOSA	178
O SR. PADRE É QUE SABE!	179
GRITO DA TERRA E DOS POBRES	180
SINODALIDADE	181
UM DÉFICE ZERO	182
VAMOS CONVERSAR	183
SINAIS DOS TEMPOS	184
A DEMOCRACIA	185
AINDA A DEMOCRACIA	186
ECODESENVOLVIMENTO	187
IGREJAS ABERTAS	188
AS TRÊS COMADRES	189
TEMPO DA AMAZÓNIA	190
PROGRAMAS ELEITORAIS	191
E DA CULTURA?	192
A TONA	193
UM SÍNODO PARA NÓS	194
SINODO: UM CAMINHO	195
A VIOLINISTA E O PIANISTA	196
IGREJA EM ADVENTO	197
NATAL SEM POBRES	198

ANO DE 2020

POETA DAVID BRANCO	201
DOS TALHERES ÀS BEATAS	202
OS INSETOS	203
A CONVERGÊNCIA	204
DAS ESCOVAS AOS TAMPÕES	205
OS Zaqueus	206
SINAL DURO	207

VAIS VER!	208
UMA TERRA SEM DEUSES	209
UMA VIDA QUE VIVE	210
O RISCO	211
CONSTRUIR A CIDADE	212
AS DUZENTAS PROPOSTAS	213
PARADIGMA?	214
A NOOSFERA	215
O HOMEM, O CRISTÃO, O POLÍTICO	216
EVANGELHO DE MARIA MAGDALENA	217
JESUS ERA CASADO?	218
QUE LÍNGUA FALAVA JESUS?	219
O NOME JESUS DE NAZARÉ	220
ONDE NASCEU JESUS?	221
JESUS ERA POBRE CARPINTEIRO?	222
A FAMÍLIA DE JESUS	223
E JESUS NASCEU	224

ANO DE 2021

JESUS ERA LEIGO	227
AS PRESIDENCIAIS	228
DURAÇÃO DO MINISTÉRIO DE JESUS	229
A PÁSCOA DE JESUS	230
JESUS FOI PECADOR?	231
A CRUZ EM CASA?	232
EVANGELHO DE TOMÁS	233
EVANGELHO DOS ESSÉNIOS	234
EVANGELHO DE CRISTO CÓSMICO	235
EVANGELHO DE MARCOS	236
EVANGELHO DE MATEUS	237
EVANGELHO DE LUCAS	238
EVANGELHO DE JOÃO	239
EVANGELHO DE FILIPE	240
EVANGELHO DE PEDRO	241
CARTA AOS TESSALONICENSES	242
PRIMEIRA CARTA AOS CORÍNTIOS	243
SEGUNDA CARTA AOS CORÍNTIOS	244
A CARTA DE TIAGO	245
CARTA A FILÉMON	246
DIDAQUÉ – O CATECISMO	247

CARTA A TITO	248
CARTA AOS ROMANOS	249
“CARTA” AOS HEBREUS	230